



**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER
LICENCIATURA EM NORMAL SUPERIOR**

ANA PAULA DE SOUZA VEIGA

SONHO SONHADO JUNTO

Rio de Janeiro
2022

ANA PAULA DE SOUZA VEIGA

SONHO SONHADO JUNTO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciado em Normal Superior, com Habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientadora: Isis Flora Santos

Rio de Janeiro

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

V426s Veiga, Ana Paula de Souza

Sonho sonhado junto / Ana Paula de Souza Veiga.– Rio de Janeiro:
ISEPS, 2022.–
27 fl. il.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber, 2022. Requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientador: Professora Isis Flora Santos

1. Educação infantil. 2. Formação de Professores. 3. Memória de Formação. 4; Construção de conhecimento. I. Título. II. Orientadores. III. ISEPS. IV. Instituto Superior de Educação Pró-Saber.

CDD 372

LICENÇAS

Autorizo a publicação desse trabalho na página da Biblioteca do Instituto Superior de Educação Pró-Saber ou em qualquer meio que julgue adequado, tornando lícita sua cópia total ou parcial somente para fins de estudo e/ou pesquisa.

Essa obra está licenciada sob uma Licença **Creative Commons**, maiores informações <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>.

Rio de Janeiro, 16 de junho de 2022.

ANA PAULA DE SOUZA VEIGA

ANA PAULA DE SOUZA VEIGA

SONHO SONHADO JUNTO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciado em Normal Superior, com Habilitação em Magistério da Educação Infantil.

ORIENTADOR

Isis Flora Santos

LEITOR

Professor(a)

Rio de Janeiro

2022

Dedico este trabalho a Deus por me conduzir e guardar durante todo o percurso, o que me permitiu chegar até aqui. E a minha mãe que sempre me ensinou o valor da educação e a não desistir dos sonhos.

Agradeço a minha família, pelo apoio e por sonhar esse sonho junto comigo, pois sempre respeitaram a minha escolha e compreenderam minha ausência. Em especial meus filhos Samella e Kaio Veiga de Castro, que partilharam seus saberes comigo e acreditaram no meu potencial.

Agradeço a minha amiga Samanta Henriques Pinto, que além de incentivadora, foi quem me apresentou ao Pró-Saber.

Pela valiosa oportunidade de estudar nessa Instituição.

A todos da turma 2019, pois nada faria sentido sem nossas experiências e trocas.

Agradeço a cada professor que alimentou minha sede de conhecimento e semeou em mim um ensinar democrático, político e que acredita no humano.

Aos amigos de trabalho que, direta ou indiretamente, contribuíram durante todo o processo vivido.

E agradeço imensamente a minha professora orientadora, Isis Flora Santos, por conduzir e se dedicar junto comigo para que esse sonho pudesse se transformar em realidade.

Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem “tratar” sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem ideias de formação, sem politizar não é possível. (FREIRE, P, 1996, p. 64).

RESUMO

Neste trabalho faço uma reflexão sobre o processo de aprendizagem do educador e das possibilidades de ressignificar a sua postura diante da aprendizagem e do conhecimento. Conforme o educador se revê neste processo, sua prática pedagógica se torna mais viva, mais democrática, reflexiva e, assim, nós, educadores, podemos participar de forma ativa e consciente na construção de uma sociedade ciente de seus direitos e capaz de lutar por eles. Só podemos avançar nesta direção, se mergulhamos em nós mesmos e visualizamos as amarras que nos prendem em uma visão autoritária, estabelecendo um exercício de desconstrução, reconstrução e construção do conhecimento.

Palavras-Chave: Educação Infantil. Aprendizagem. Formação. Educador.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 CHEGADA NO PRÓ-SABER: O QUE SABIA E O QUE DESCOBRI	12
2 EXPERIÊNCIAS VIVIDAS REFLETEM A EDUCADORA QUE SOU	14
3 A TRANSFORMAÇÃO NO MEU ENSINAR	19
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	27

INTRODUÇÃO

O desejo nos move, ele é nossa energia, nosso fogo. Desejo limitado, educado, transforma-se em projeto. (FREIRE, M., 2021, p. 40).

Meu primeiro contato com a escola foi aos cinco anos de idade, no bairro onde morava, em Duque de Caxias. Nesse tempo, a educação infantil não fazia parte do ensino oficial, então minha mãe me colocou para estudar com a “tia Violeta”. Isso tem muito tempo, mas ainda lembro como era a sala de aula que ficava no quintal da sua casa linda. Lembro dos cartazes pendurados com letras e números. Por ela fui alfabetizada. De lá ingressei na antiga 1ª série do ensino fundamental.

Essa escola era infinitamente maior que o quintal da minha primeira professora. E foi lá que começou a despertar em mim o interesse pela educação. Não por ser uma aluna nota dez, mas porque tinha alguma coisa que me aproximava dos professores. Hoje penso que era admiração.

Na 3ª série, a mais temida de todas, conheci uma professora de voz rouca, alta e brava, que demonstrou o tamanho do seu coração e o compromisso que tinha com o aluno. Eu tinha muita dificuldade para aprender matemática, e para não ser reprovada, ela combinou com a minha mãe um horário de reforço. Esquentava minha comida junto com a dela, e depois íamos para uma espécie de colégio interno onde trabalhava. Fez tudo isso sem ganhar nada em troca. Assim consegui ser aprovada naquele ano.

Até que perdi a bolsa, que era vinculada ao trabalho da minha mãe e que me mantinha na escola particular. Assim, fui matriculada na escola pública, e foi aí que ficou tudo ainda melhor, porque lá vivi os melhores momentos da minha vida escolar. Minha admiração pelos professores e diretores só aumentava. Amava estar naquele espaço, nele me revelei um talento no basquete, graças a um professor que me apresentou o esporte. Passei a tirar boas notas em matemática, porque o jeito de ensinar ia além dos números. Lembro da festa que preparamos, quando a turma descobriu que ele iria embora da escola. Sofremos com sua partida não só por perder o professor,

mas porque ele era admirável no seu ensinar. Toda essa vivência me deixou encantada pela educação.

Foi bem difícil desapegar dessa escola quando chegou a hora de me despedir do ensino fundamental. Foi nesse momento que não tive dúvidas sobre qual caminho queria seguir. Então, ingressei no curso de formação de professores, com a intenção de poder tocar o outro como fui tocada por meus professores. Atualmente, trabalho como professora do ensino fundamental, na Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, onde atuo diretamente com crianças.

Pelo meu caminho passaram professores comprometidos que marcaram positivamente e fizeram diferença na minha vida. Isso mostra a força, a potência da profissão quando conduzida com amor, seriedade e compromisso.

Depois de muito tempo, e já com dezessete anos de trabalho, conheci o Pró-Saber. Fui indicada por uma amiga que conheceu o curso, e para me convencer disse que ele era “a minha cara”, e mais, que se eu não fosse fazer a inscrição, iria fazer por mim. Ela trabalhou comigo e conhecia minhas angústias e necessidade de formação. Já tinha iniciado duas graduações sem conclusão. Minha inscrição foi feita no último dia. Ela mandou uma mensagem, no dia anterior me convocando, só deu tempo de reunir os documentos. No dia seguinte, e último para fazer a inscrição, corri muito para chegar, praticamente atravessei a cidade indo de Jacarepaguá até Botafogo. Não tinha noção que corria em busca de um curso que, além da formação, transformaria a minha vida pessoal e profissional.

Esperei muito para chegar até aqui, porque precisei realizar outros sonhos. O bom foi que deu tempo do Pró-Saber me encontrar e pude viver o sonho de concluir uma graduação com outras pessoas que nem imaginava, mas que contribuíram muito para que toda essa minha experiência fosse possível. Foi um sonho sonhado junto.

Este trabalho final fala sobre esse processo que aconteceu na minha vida e no meu ensinar. Para a escrita deste material, a construção dos registros reflexivos construídos a partir de cada aula ao longo desses três anos foram importantes, pois através deles pude fazer uma escavação, em um processo de “arqueologia de si” (GUSMÃO; PORTO, 2018), como um mergulho em mim

mesma, de tudo que foi construído durante o curso. Compartilho aqui o meu olhar voltado para a minha entrada no Pró-Saber, que desconstruiu tudo o que eu considerava como modelo de curso superior, e para as reflexões feitas ao longo desse caminho.

Mesmo com as boas experiências escolares que tive, prevalecia na minha formação uma educação autoritária, quando só era permitido aprender e falar sobre o que era ensinado, o que acontece até hoje em muitos espaços escolares, quando a teoria não anda junto da prática. Isso só pude enxergar durante o estudo das aulas construídas por uma metodologia criada por Madalena Freire, coordenadora do curso e idealizadora de sua formação.

O que encontrei durante as aulas reinventou o meu ensinar. E com isso pude me dar conta do quanto ainda tinha essa concepção autoritária em mim. Descobri nesse período de estudo que o agir autoritário tem sua origem ainda na infância, tentamos nos livrar dele para conseguir viver em sociedade. Quando nos encontramos na posição de educador, podemos ter a volta das características desse ranço autoritário, centralizador e detentor do saber. É preciso então parar nesse momento e refletir, pois para se tornar um educador democrático é necessário criar vínculo, e o caminho a percorrer exigirá observação, registro reflexivo, avaliação e planejamento.

No primeiro capítulo, faço uma reflexão sobre a minha entrada no Pró-Saber e as construções e reconstruções que fui vivendo. No segundo capítulo, reflito sobre as experiências que vivi e como me marcaram enquanto educadora. No terceiro capítulo, quero dividir com o leitor as mudanças que percebi em mim e no meu ensinar.

1 CHEGADA NO PRÓ-SABER: O QUE SABIA E O QUE DESCOBRI

Pensando sobre a reflexão que fizemos nessas aulas, onde pude ouvir vários colegas, suas experiências, marcas deixadas por seus professores, me indaguei sobre como acontece a construção da identidade de um professor. Que começa pela escolha desta profissão, ou quando é escolhido por ela, e chega até os espaços onde desempenha sua função de educador. Conhecemos ao longo da vida escolar vários modelos de educadores, até que chega a hora de atuar como um. Acredito que essa identidade não se esgota no cotidiano do trabalho, nos momentos de estudo e nas trocas de experiências, considero importante ter formação, muito estudo e pesquisa, e foi exatamente isso que fui buscar no Instituto Superior de Educação Pró-Saber.

A história da educação mostra que havia um modelo de professor que era o dono do saber e transmitia apenas conhecimento aos alunos, que eram ouvintes passivos e memorizavam o que era ensinado. Hoje, por causa das transformações que a educação passou, o professor deixou de ser o dono do conhecimento para se tornar um mediador. Esse papel de mediador permite que ele dê espaço para que o aluno receba informações, pense, questione, e participe de forma ativa da sua própria construção de conhecimento.

Considero que o professor que atua na educação infantil precisa conhecer as crianças. Nessa fase, elas precisam de cuidados diferenciados, pois ainda são bem pequenas. Para acompanhá-las penso que é necessário que os professores sejam capacitados, se mantenham atualizados e invistam em sua formação.

Além dos cuidados básicos, o professor que atua na educação infantil precisa conhecer a realidade em que a criança está inserida, pois não se trata apenas de oferecer a vaga, precisa ter um ensino de qualidade. Isso vai exigir capacitar e qualificar os funcionários que atuam nas creches e escolas.

Reconhecendo o direito da criança me desafio a registrar aqui alguns pontos que tenho como desafiadores. O primeiro é a formação dos professores. Esse desejo precisa estar dentro dele. Outro ponto é ter propostas pedagógicas, que busquem ferramentas para estimular a criança e promovam seu desenvolvimento integral. No que diz respeito ao espaço, precisa ter condições de funcionamento, propor um ambiente vivo que promova a

interação de todos, favorecer a participação da família para que consiga criar compromisso e envolvimento com a aprendizagem da criança.

Ao finalizar o curso do Pró-Saber é certo dizer que não sou a mesma que correu, fez a inscrição, o vestibular, a matrícula, entrevista e enfrentou o primeiro dia de aula. Mesmo já trabalhando há algum tempo na educação, me vejo transformada. Vejo as crianças agora como seres únicos, com demandas únicas, com um histórico e uma experiência de vida singular. Sei da falta que faz, o quanto se aprende com o outro e através do outro. E para grupos diferentes não é cabível o mesmo planejamento. Aqui aprendi o respeito pelo ser humano único, que tem cultura, que é capaz de modificar o ambiente em que vive. Mas para isso precisa ser desafiado dentro das suas possibilidades, dos seus interesses.

2 EXPERIÊNCIAS VIVIDAS REFLETEM A EDUCADORA QUE SOU

Vivemos dois anos de nossa formação no formato online e o retorno ao presencial, que aconteceu no primeiro semestre de 2022, me trouxe a sensação de ter reiniciado o curso, só que agora com a experiência de dois anos e com o propósito específico de concluir um ciclo que foi subitamente interrompido pela pandemia. Esse período foi surpreendente, primeiro pela ousadia do planejamento dos professores desse curso, que reinventaram seu ensinar. Conseguiram adaptar suas aulas utilizando o aplicativo Whatsapp e , em seguida, o programa do Google Meet, dando um passo de cada vez, com calma e leveza. E depois, pela capacidade do grupo de abraçar esse desafio e poder seguir em frente. Claro que cada um no seu ritmo e dificuldades.

O educador educa a dor da falta. Educa a fome do desejo.
O educador educa a dor da falta cognitiva e afetiva para a construção do prazer. É da falta que nasce o desejo. Educa a aflição da tensão, da angústia de desejar.
Educa a fome do desejo. (FREIRE, M., 2008, p. 31).

Mas um ponto comum enfrentado era conseguir adaptar o espaço de estudos dentro de cada realidade familiar, seu espaço privado. Era preciso enfrentar dois principais vilões: o tempo e a internet. Isso tudo me fazia olhar para o meu aluno, pois assim como meus professores, tinha que planejar aulas para crianças que nem conhecia muito bem, que estavam distantes nesse período que impactou a vida de todo mundo.

O retorno trouxe de volta a troca de olhar com o grupo, o perfume do coletivo, que só é possível sentir quando se está junto.

Minha perspectiva de pesquisa foi explorar mais o espaço do Pró-Saber, escavar coletivamente, com bastante cuidado, as memórias construídas aqui, incluindo o período inédito que vivemos. Nesses anos de curso mergulhei primeiro em mim, depois, no reconhecimento da importância do coletivo, de como a relação com o outro é importante para me constituir e, no terceiro ano vivi a intensificação do diálogo com teóricos e estou no caminho da minha autoria neste processo de aprendizado.

A professora Cris Porto nos ajudou a retomar o fio da meada, a nos conectarmos. Fez a turma refletir e pensar sobre o processo que estamos

vivendo. Destacou que é preciso observar que o curso é uma formação em serviço e percebo isso quando, naturalmente, vejo refletir no meu trabalho o que aprendi aqui.

Vivi uma experiência diferente, uma aula diferente nesta disciplina. Sempre achei o espaço físico do Pró-Saber incrível, mesmo tendo explorado pouco, por causa do período de pandemia. Dentro do que foi possível observar, é um lugar lindo e onde sempre me senti acolhida. Mas dessa vez, aconteceu algo muito especial. Fomos convidados pela professora Cris Porto para conhecer a história da brinquedoteca, que antes era volante e hoje ocupa um espaço fixo nesta instituição.

A princípio pareceu que estava fora de contexto, não conseguia relacioná-la com a disciplina de Prática Metodológica voltada para a elaboração da monografia, mas foi só o tour começar para perceber a importância do brincar, com todo seu significado, dando espaço para a criança que vive dentro de cada um da turma.

Nessa aula, vi a criança que existe em mim quando me veio um desejo doido de brincar. Fiquei entusiasmada com a brincadeira coletiva logo que saímos da sala. Como a brincadeira nos envolve. Mais observadora, vi o grupo como as crianças que trabalho, com muita empolgação. Fomos descobrindo o espaço aos poucos e foi difícil para alguns assumir o controle da criança despertada nessa aula.

Sobre o espaço e os brinquedos, me dei conta de que aquela realidade não é possível hoje onde trabalho. Mas preciso construir, dentro do que é possível, o momento do brincar. Isso é tão importante, que vejo a necessidade de incluir no planejamento das atividades, mesmo com alunos maiores, pois como adulta vi o quanto o brincar me fez bem.

Em um segundo momento, a professora levou para a turma um vídeo que registrou nossa visita à brinquedoteca. Cristina tratou a fotografia como um ponto de vista. Assim pude compreender que o olhar do outro me ajuda a reconstruir a memória.

Toda fotografia tem atrás de si uma história. Olhar para uma fotografia do passado e refletir sobre a trajetória por ela percorrida é situá-la em pelo menos três estágios bem definidos que marcaram sua existência. Em primeiro lugar houve uma intenção para que ela existisse; esta pode ter partido do próprio fotógrafo que se viu

motivado a registrar determinado tema do real ou de um terceiro que o incumbiu para a tarefa. Em decorrência desta intenção teve lugar o segundo estágio: o ato do registro que deu origem à materialização da fotografia. Finalmente, o terceiro estágio: os caminhos percorridos por essa fotografia, as vicissitudes por que passou, as mãos que a dedicaram, os olhos que a viram, as emoções que despertou, os porta-retratos que a emolduram, os álbuns que a guardaram, os porões e sótãos que a enterraram, as mãos que a salvaram (KOSSOY, 2001, p. 45).

Ela criou uma espécie de linha do tempo que me ajudou a organizar o vivido em grupo no curso, na minha vida pessoal e profissional. O grupo me ajudou a lembrar detalhes do que lembrava e trouxe o que não lembrava ou que não registrei. Hoje, vejo que o grupo teve um lugar muito importante na construção do meu aprendizado.

Nesta pandemia, vivemos períodos de profunda reflexão. Na aula da professora Priscila Almeida, escrevi uma carta muito especial para essa "tal de Quarentena" e que agora compartilho com vocês.

Rio de Janeiro, 08 de setembro de 2020

Dona Quarentena,

Respeitosamente, não posso dizer que foi um prazer conhecê-la, mas preciso falar que sua chegada me surpreendeu e transformou a minha vida.

Saiba que trabalhar em casa não é uma tarefa fácil, muitas distrações ocorrem. Minhas atividades domésticas, filhos... tudo acaba desviando meu olhar, por isso foi necessário adotar uma rotina nessa realidade estabelecida por você. Preciso te contar que me senti perdida e com dificuldade para trabalhar e estudar com aulas online. Em alguns momentos, tive que aprender junto e dividir o pouco que sabia. Percebi que o meu momento de trabalho e estudo invadiram o meu descanso. Isso sem falar na sua amiga internet que insiste em falhar quando mais precisamos da sua parceria. Fiquei triste, quando tivemos que abandonar o abraço, o toque, e passamos a viver longe um do outro, do cotidiano escolar.

Quando você chegou, alguns de nós educadores mudaram seu comportamento. A ansiedade, cansaço, estresse, preocupação, insegurança, medo, cobrança e até momentos de angústia quiseram ter um lugar de destaque dentro de muitos.

Mas você sabe que resistimos, encarando esse momento com dedicação e criatividade. Como guerreiros nos reinventamos, organizamos nosso planejamento e repensamos nossas práticas. Aproveitamos essa tecnologia para nos manter vivos como educadores na vida de nossos alunos.

Esse momento veio como um ensaio, mas ficou claro que ainda estamos distantes de um ensino online ideal. Estou aqui para te informar que o ensino remoto que está acontecendo agora, poderá ser muito usado na volta às aulas, mas nunca irá substituir as aulas presenciais, você concorda?

Quanto a mim, educador que te escrevo, peço que me avise quando vai poder ir embora, e enquanto não puder ir, estarei me preparando para acolher esse aluno que não é mais o mesmo depois da sua chegada.

Aqui me despeço com até breve ou até nunca mais.
Ana Paula (VEIGA, 2020).¹

Vejo que, mesmo distante, o grupo se manteve dentro do ritmo, experimentando momentos de reflexão, acolhimento e troca de experiências. Nos olhamos, cuidamos, preservamos nossa identidade como grupo, seguimos ainda mais fortalecidos.

O ensinar dos professores foi acolhedor, experimentamos juntos o novo. Respeitaram o grupo e suas dores coletivas e individuais, sabendo intervir com empatia nesse momento inédito para todos. Eles traziam os conteúdos de forma clara, contando sempre com o grupo para desenvolver o que estava planejado. Acreditaram todo tempo que seríamos capazes. Aprendi muito com o ensinar de cada professor durante o período das aulas não presenciais, e também utilizei muitas de suas práticas nas minhas aulas. O Pró-Saber me fez acreditar que era possível continuar mesmo diante de tantas dificuldades presentes durante a pandemia.

Naquele momento não sabíamos muito bem o que pretendíamos fazer e surgiram as inquietações presentes na nossa prática com as crianças. Como vou acolher o meu aluno? Como promover a adaptação dele novamente? Como administrar o pouco tempo que teremos para trazer um ensinar que vai aproximá-lo dos conteúdos que terão de dar conta? Como meu ensinar pode criar vínculo? Que modelo de educador quero ser? Como organizar uma rotina não rotineira? São algumas das perguntas que nortearam meu planejamento quando ainda estava no ensino remoto. Durante essas aulas vi nos conteúdos um parâmetro para me guiar. Percebi o modelo de educador que queria ser. Posso afirmar que nada mais no meu ensinar será como antes.

Meu maior desafio no período da pandemia foi precisar fazer as aulas pelo celular, pois ele acabou sendo a minha principal ferramenta de estudo. Gosto muito do papel e da caneta, mas foi necessário me adaptar ao novo para tornar possível nossos encontros. A maior conquista foi chegar hoje e ver que valeu cada momento de ansiedade, medo do novo, correria para organizar a vida privada, pois tivemos uma invasão da vida pública dentro dos nossos lares

¹ Carta, exercício da Disciplina Prática Pedagógica, Professora Priscila de Almeida, no Curso Normal Superior do ISEPS. (mimeo)

e se fez necessário preparar um cantinho de estudo dentro de casa para resguardar a qualidade do estudo, e garantir a continuidade desse sonho.

3 A TRANSFORMAÇÃO NO MEU ENSINAR

Durante o curso fui desafiada a pensar antes de escolher um método para direcionar meu trabalho. Preciso considerar que mesmo antes de saber o método a utilizar, já tinha dentro de mim o caminho que queria percorrer.

Pensar envolve duvidar, perguntar, questionar. É uma maneira de investigar, pesquisar o mundo, as coisas. Por isso encerra algo que perturba, provoca mal-estar, insegurança, porque algo que nos parecia seguro foi atingido em nosso pensamento. Pensar sempre envolve os outros. Pensamos porque alguém nos impulsionou a buscar uma resposta. É sempre o outro que nos obriga a pensar, e mesmo quando sozinhos os outros habitam nosso pensamento. (FREIRE, M., 2008, p. 48).

Com as crianças não é diferente, mesmo antes de ler e escrever convencionalmente, elas elaboram hipóteses. Da mesma forma que o Pró-Saber respeitou o meu caminho no processo de escrita, preciso conhecer e respeitar o caminho das crianças nesse processo. É necessário conhecer o que elas já sabem para poder construir um planejamento adequado, intervindo individualmente, valorizando suas descobertas, interferindo sempre que necessário e apresentando a leitura como uma atividade prazerosa e, ao mesmo tempo, significativa.

Nosso país também é criança na busca por uma educação igualitária, e precisa de educadores, observadores e pesquisadores dedicados a contribuir com o seu crescimento, e principalmente, que levem em consideração o contexto social em que o aluno está inserido. Além de levar em consideração o que a criança já traz antes mesmo de entrar na escola, é necessário a observação e o registro, sem isso será difícil que um processo significativo de fato aconteça.

Acredito que preciso entender e fazer as intervenções necessárias, antes de escolher um método de ensino, pois é preciso compreender qual fará sentido para determinado grupo de alunos. Primeiro, tenho que entender como a criança está pensando a escrita e trazer as intervenções certas para cada momento. Para essas intervenções, posso usar o atendimento individualizado e ou em grupos, aproveitando os saberes das crianças para me auxiliar nas atividades, que deverão ter temas do interesse delas e atender suas necessidades diante da hipótese da escrita que demonstram estar.

O professor deve estar atento, estudar sobre as fases da escrita para entender todo esse processo. Ele precisará de muita entrega e comprometimento para construir este processo de alfabetização de forma significativa para as crianças.

As aulas no Pró-Saber me proporcionaram uma boa reflexão sobre este tema que aconteceu em grupo, tivemos trocas de experiências que me fizeram aprender ainda mais. Entendi que o papel do professor é o de mediar, criar desafio, instigar para que pensem cada vez mais sobre a escrita, por isso, não podemos focar no "erro" e sim observar e considerar o processo de construção de cada um. Ele cria condições para que a criança construa seu conhecimento, abrindo mão da rigidez do método para utilizar uma forma contextualizada no seu ensinar, que promova uma interação dela com o meio em que vive, o que faz sentido para ela, sendo o professor o seu principal modelo de leitor e escritor.

Durante essas aulas, aprendi que a gente só aprende de verdade a partir do que têm significado e também da sua própria experiência. Tive consciência de que cada um é um neste processo e precisa ser acolhido, respeitado pelo que é, e não pelo que eu acredito que seja. É preciso ter amor para educar e, assim, permitir que os alunos possam dar belos voos.

Ao longo do estudo vi o currículo como um orientador dentro da instituição para o desenvolvimento da prática, como um caminho que proporciona experiências e valoriza o que a criança traz de conhecimento e de vivências. Fiquei impressionada como no grupo muitos que trabalham em creche não conhecem esse documento tão importante. Eu não tenho ideia de como iniciar meu planejamento sem ter uma visão geral de como preciso começar e até onde preciso ir com meus alunos, até para ter certeza de que eles terão na caminhada escolar o que é exigido pela BNCC (Base Nacional Comum Curricular), que tem como principal objetivo garantir um ensino de qualidade a todos.

Levei um tempo lendo os pensamentos do grupo para organizar o meu pensamento. Entendi que na educação infantil, precisamos focar no desenvolvimento da criança, e que muitas das vezes isso acontece através da brincadeira. Hoje se faz necessário ter um currículo para a educação infantil pensando quem é essa criança e quais objetivos se pretende desenvolver.

O currículo é a parte pedagógica da escola para organizar como os conhecimentos serão trabalhados. Por isso tudo, não cabe mais utilizar os mesmos cadernos de planejamento de um ano para o outro. Cada turma é uma, como cada aluno é único, com uma história, uma experiência de vida que não se repete.

A BNCC é um documento que orienta a construção do currículo. Ela veio para rever as propostas pedagógicas das escolas, a formação dos professores, avaliações e livros didáticos. É a partir dela que cada instituição de ensino precisa basear seu currículo.

No início do ano, quando ainda não conheço o grupo, trago o meu planejamento somente partindo do currículo, após conhecer o grupo consigo olhar o currículo e retirar dele o que vai atender ao meu grupo, levando em consideração o que foi observado e registrado em relação ao que a criança já sabe, sendo possível replanejar adaptando o currículo a minha realidade em sala de aula. Dessa forma, verifico o quanto avançamos dentro dos objetivos para avaliar e se posso ou não avançar, procurando observar o que cada um já demonstra saber e o que ainda precisa ser revisitado no coletivo ou individualmente.

O cuidar e o educar implicam diretamente no desenvolvimento integral da criança pequena. Antes o foco principal era só cuidar. Hoje existem leis a favor da criança. Ela que está em constante desenvolvimento e precisa ser estimulada, por isso as atividades devem ser devidamente planejadas entrelaçando práticas entre o cuidar e o educar, fortalecendo os vínculos afetivos para que se sinta segura e acolhida. O adulto deve ser receptivo e sensível. Atitudes que irão exigir tempo e entrega.

Esse educar e cuidar que foi refletido durante as aulas ultrapassa uma educação apenas formal, precisa respeitar as limitações de cada criança trazendo situações para a sala de aula que estimulem seu desenvolvimento.

Os relatos e as falas, que acompanharam os momentos de reflexão, me fizeram recordar a minha fase escolar nos anos iniciais, e entendi que as experiências da infância nos marcam para a vida toda. Por isso, é necessário pensar numa educação que não promova o medo e punições. Esse tema me fez lembrar de uma foto que ainda tenho usando o uniforme. Devia ter uns cinco anos. Idade que estaria na Educação Infantil, se na época já tivesse

pré-escola. Fiquei feliz por ter tido como professores pessoas que me atraíram para a educação que acredito, de afeto.

Escutando o grupo consigo perceber melhor os impactos que experiências negativas podem trazer para a nossa vida pessoal e profissional. Isso gerou dentro de mim o desejo de fazer diferente. Lidamos com o humano, somos humanos. E acredito que a educação precisa ser humanizada, dando valor às relações, às emoções e às particularidades de cada um.

Nesse percurso, cada pessoa compartilhou seu tempo de experiência na área da educação. Ao ouvir o grupo, percebi o orgulho que cada um traz, e que mesmo com toda essa experiência, ainda há desejo de aprender. Também conheci outras realidades diferentes da minha, pois nada do que vivi é absoluto. Existem muitas outras possibilidades, nosso trabalho sempre terá que contar com a paciência, a insistência e, principalmente, na confiança em si e no outro.

Uma das nutrições literárias² que mexeu comigo foi a que trouxe o livro “Minha professora é um monstro”, de Peter Brown (2015). Essa história me fez refletir que, apesar do professor precisar ser modelo, ele é humano, dentro de um contexto escolar um comportamento mais firme às vezes é necessário, mas essa postura nunca poderá ser desrespeitosa.

A identidade do professor começa pela escolha desta profissão chegando até os espaços onde desempenha a função. Conhecemos, ao longo da vida escolar, vários modelos de educadores, e agora é o nosso momento de atuar como um. Cabe principalmente a cada educador pensar no seu modelo, em quem o inspira, em qual concepção de educação quer inserir a sua prática. Também o que o identifica com os bons profissionais, até porque acredito que a busca por essa identidade não se esgota, acontece no cotidiano do trabalho, nos momentos de estudo e com as experiências.

A história da educação nos mostra um professor dono do saber e que transmitia apenas conhecimento aos alunos. Os alunos por sua vez eram

² A nutrição estética é um dos recursos utilizados nas aulas do curso de formação do Pró-Saber. Trata-se da fruição de uma obra de arte de alguma forma relacionada ao assunto tratado na aula ou, essencialmente, voltada à afinação da sensibilidade. Muitas vezes essas obras são apresentadas com o intuito de desestabilizar o pensamento comum e a visão estereotipada tão arraigada na forma de ver o mundo que os alunos normalmente trazem. É um momento que provoca estranhamento e faz pensar (GENESCA; CID, 2013, p. 103).

ouvintes passivos e memorizavam o que era ensinado. Hoje, o professor deixou de ser o dono do conhecimento para se tornar um mediador. Nesse papel de mediador é importante que ele dê espaço para que o aluno receba informações, pense, questione, participe de forma ativa da sua própria construção de conhecimento.

Não podemos esquecer que antes a infância era considerada uma fase sem valor. Sua responsabilidade era chegar mais rápido à vida adulta. Com o passar dos anos, os direitos foram sendo elaborados. Antigamente, não se priorizava a criança, ela era diferente do adulto apenas no tamanho. Com tantas mudanças, de um ser sem importância ela passou a ter direitos. Essa conquista deu um salto na educação e passou a ser sujeito de direito. Por isso tudo que antes não havia professores qualificados e quem cuidava das crianças pequenas eram voluntários (as tias por quem também fui cuidada). A partir da Constituição de 1988, a criança foi incluída no sistema educacional brasileiro.

Através do estudo durante as aulas, constatei que a história da educação infantil passou por grande transformação que mudou o olhar em relação à criança. Agora, ela tem garantido um atendimento direcionado que valoriza a sua infância, sendo necessário para isso um novo perfil de educador.

É uma história marcada por muita reflexão e luta. As creches surgiram, na sua maioria, em áreas carentes, de maneira improvisada, onde o atendimento à criança era apenas assistencialista. O olhar para a educação infantil como um espaço de aprendizagem para a criança é recente, assim como a capacitação oferecida aos profissionais que de “tias” foram transformados em educadores.

Reconhecendo o direito da criança, coloco aqui alguns pontos que tenho como desafiantes. O primeiro é a formação dos professores. Esse desejo precisa estar dentro de nós, educadores. Outro ponto é ter propostas pedagógicas que busquem ferramentas para estimular a criança e que promovam seu desenvolvimento integral. No que diz respeito ao espaço, precisa ter condições de funcionamento, propondo um ambiente vivo que promova a interação de todos. E, tenho como muito importante, favorecer a participação da família para que consiga criar compromisso e envolvimento com a aprendizagem da criança.

Se queremos formar leitores, a leitura precisa acontecer diariamente para nossos alunos. A ideia é aproximar a criança do mundo leitor. O professor sair do lugar em que só lê as histórias e criar espaços para que a criança possa ler e reproduzir o que leu.

Recordo de uma visão convencional de currículo, como lista de conteúdos a serem trabalhados pela professora. Conforme concepção de currículo estudada no curso, pude ter minha visão ampliada sobre o currículo como conjunto de práticas sociais e linguagens promotoras de aprendizagens e desenvolvimento a serem experienciados por crianças na vida escolar. Após esse estudo, penso no currículo como uma forma de organizar esse caminho a percorrer. Sabendo que ele é vivo e flexível, precisa ser construído levando em consideração a criança como protagonista. Nesse processo o professor é o mediador, que observa e registra. Ele não mais atua como alguém que passa conhecimento como no currículo prescritivo, que fica apenas no conteúdo. Mas respeita o processo, o percurso percorrido tanto pelo aluno como pelo professor e suas experiências.

Para direcionar o meu ensinar fui apresentada aos instrumentos metodológicos, que são indispensáveis nesse processo de conhecimento da criança. Uma escuta apurada, um olhar reflexivo, um registro para não perder informações importantes, que também darão suporte para construir um planejamento específico às necessidades da criança, é fundamental. (FREIRE, M., 2014).

No meu estudo das aulas, compreendi que o foco é a formação do leitor e escritor, buscar uma aprendizagem significativa da linguagem escrita, como os momentos da chamada com atividades possíveis de aproveitar na nossa prática, que muito me encantaram, por exemplo. As leituras mudaram a rotina das minhas turmas, pois tento mudar a entonação e as crianças amam (me refiro a crianças entre 7 e 8 anos de idade). Essa atividade enriqueceu a rotina das minhas aulas com as crianças que trabalho. Até quem ainda não sabe ler consegue ser envolvido na atividade e segue avançando. Penso que entendi agora o que quer dizer vínculo construtivo.

Compreendi que a leitura precisa ser diária, e é importante apresentar todos os tipos de texto, mas nem sempre precisa ter um direcionamento. Essa leitura também pode ser espontânea e prazerosa. E podemos fazer leitura até

de imagens, dos desenhos que eles fazem, dos bilhetes e cartazes construídos com as crianças. Hoje me preocupo com atividades que brinquem com as letras e palavras fazendo a criança pensar na função da escrita.

Vivenciei esse curso encantada com a importância do brincar. A importância de levar em consideração que as crianças têm suas visões de mundo e refletem isso nas brincadeiras, com isso quero dizer que estão pensando o mundo enquanto brincam. Importante também oferecer brinquedos variados, sem restrição de gênero, para desconstruir essa ideia de brinquedo de menino e de menina permitindo o experimentar. Refletimos nas aulas que os brinquedos tendem a ser estereotipados, ditando quais são as expectativas sociais, as atitudes e os comportamentos esperados para meninos e meninas. A observação do professor e a sua intervenção pedagógica, sem reforçar essa divisão no momento do brincar, tornará possível que a criança experimente todas as brincadeiras e brinquedos, sem ser limitada às estereotipadas.

Esse tema me trouxe uma inquietação. Todo mundo gosta de brincar. E brincar é também uma maneira de aprender, então o que explica essa desvalorização da brincadeira nas escolas?

Podemos aprender muito com os indígenas, incluindo o gosto pelo brincar. Ensinar a criança a valorizar nossa história, sempre irá passar pelo povo indígena.

Penso que os professores deveriam ser 'confessores dos próprios sonhos'. Confessar sonhos é o desejo de influenciar pessoas a estarem dentro de si mesmas a aprenderem com as imagens que estão ali. Ser confessor dos sonhos é partilhar sentidos. O sentido está em dar significado ao mundo. É preciso confessar os sonhos para que os outros aprendam também a sonhar. (MUNDURUKU, 2005)

O nosso povo foi constituído a partir deles. Mas para valorizar é preciso conhecer. E quem irá ensinar a criança o respeito às diferenças culturais somos nós, adultos, professores e a escola tem um papel importante nesta construção.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levo desta formação e deste grupo (turma 2019) modelo de perseverança, força e exemplo. A cada aula compartilhamos muito mais que só conteúdos, esperamos um novo modelo de educador. Meus professores foram a minha inspiração. Conseguiram tirar o melhor do grupo, porque nos ofereceram o melhor deles. Consegui ver todo conteúdo estudado exemplificado nas suas aulas, o que refletiu em mim e na minha prática.

Confesso que hoje, principalmente depois da pandemia, procurei definir minhas prioridades. Diante disso, resolvi olhar para um sonho antigo, o de virar borboleta, me transformar e transformar o outro pela educação. Falo sobre a necessidade de estar junto com o grupo, com pessoas que passam pelas mesmas inquietações, mas que tem o objetivo de concluir o curso, ter uma formação, conquistar esse sonho. Como foi importante poder contar com professores capacitados que me ajudaram a trilhar o caminho e que se colocam à disposição para caminhar junto nessa construção cheia de aprendizado!

REFERÊNCIAS

- BROWN, Peter. **Minha professora é um monstro**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.
- FREIRE, Madalena. **Educador educa a dor**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- FREIRE, Madalena. **Sobre os instrumentos metodológicos na concepção democrática de educação**. Rio de Janeiro: Comunidade Pró-Saber, 2014.
- FREIRE, Madalena. **Nos tempos de hoje**. In: O INÉDITO é viável? Formação de professores de educação infantil na pandemia. Instituto Superior de Educação - Pró-Saber. Organização: ARAÚJO, Clara, PORTO, Cristina Laclette; FLORA, Isis; GARCIA, Liana. Coordenação: Madalena Freire. Rio de Janeiro; Pró-Saber, 2021.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GENESCÁ, Ana; CID, Lucia (org.) **Pró-Saber: imaginação e conhecimento**. Rio de Janeiro: Edições Pró-Saber, 2013.
- GUSMÃO, Denise Sampaio; PORTO, Cristina Laclette. Arqueologia de si e delicadeza: a fotografia e o outro como caminhos. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; CUNHA, Jorge Luiz da; FURLANETTO, Ecleide Cunico; BIASOLI, Karina Alves (org.) **Anais... VIII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica. Digital**. São Paulo: BIOgraph, 2018. Disponível em: http://viiiicipa.biograph.org.br/wp-content/uploads/2019/02/29E1COM_COMP_Cristina-Laclette-Porto.pdf. Acesso em: 12 set. 2020.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- MUNDURUKU, Daniel. **Tempo de histórias**. São Paulo: Moderna, 2005.
- VEIGA, Ana Paula. **[Carta]**. Destinatário: Dona Quarentena. Rio de Janeiro, 8 set. 2020. 1 carta, exercício da Disciplina Prática Pedagógica, Professora Priscila de Almeida, no Curso Normal Superior do ISEPS. (mimeo).